



A MENSAGEM REVELADA NO ENCOBERTO: OS SÍMBOLOS LUSITANOS METAFÓRICOS DE FERNANDO PESSOA

Alceni Elias Langner ¹

Saulo Gomes Thimóteo ²

Vinculado ao projeto de pesquisa “O *fil rouge* saramaguiano na toalha da literatura portuguesa: as referências (e reverências) de José Saramago”, esse trabalho desenvolver-se-á de forma a sustentar-se na história da nação lusitana, tomando como pontos de referência a simbologia produzida em torno do auge e da decadência nos anos áureos de Portugal. Como *corpus* analítico, far-se-á uma busca precisa dos símbolos presentes na obra de Fernando Pessoa *Mensagem*, de 1934, utilizando poemas da terceira parte da obra “O Encoberto”, especificamente utilizar-se-ão poemas escritos como representação da parte “Os símbolos”. A obra, tida como o máximo do cunho épico da Literatura Portuguesa no século XX, exhibe um vínculo com a história e o contexto lusitano do século XVI, vínculo este que traz reflexos e refrações de outros textos épicos como *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, porém de forma incontestavelmente “pessoada”, forma esta que, segundo a crítica literária Maria Madalena Gonçalves, é moderna e nova, alcança sua concretude em argumentos sebastianistas empregados por Pessoa, estes de cunho espiritual e simbólico e que são validados, ou mesmo reconhecidos, por toda a nação portuguesa moderna. A análise proposta busca um trabalho com os dois primeiros poemas escritos por Pessoa para representarem “Os símbolos”. O primeiro poema invoca *D. Sebastião*, este que também o nomeia, cuja função simbólica pensada pelo poeta consiste no fato de D. Sebastião ter sonhado com o império. No entanto, nunca chegou a realizar tal feito, o que resulta na esperança de regresso desse ser regido por forças espirituais, que voltará para concretizar o sonho do Quinto Império. O segundo poema é exatamente o cantar do *Quinto Império*, Pessoa opta por buscar simbologia na realeza imperial para retratar o que Tutikian (2006) trata como “morte em vida”, exalta a utópica realização do quinto império e triunfa a verdade pela qual morreu D. Sebastião. Como base teórica e referencial, esse estudo valer-se-á de críticos como Elêusis Comocardi, Massaud Moisés e Cleonice Berardinelli.

¹ Acadêmico do Curso de Letras na UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Realeza (PR), bolsista do PIBID (Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – CAPES) e pesquisador voluntário do projeto de pesquisa “O *fil-rouge* saramaguiano na toalha da literatura portuguesa: referências (e reverências) de José Saramago”, do qual parte o presente trabalho.

² Professor Ms. Orientador. Atua como professor de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Realeza (PR) e é Coordenador do projeto de pesquisa “O *fil-rouge* saramaguiano na toalha da literatura portuguesa: referências (e reverências) de José Saramago”.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Fernando Pessoa. Mensagem. Símbolos.